



## Os profetas também temem: Análise narrativa da fuga de Elias – 1 Reis 19, 1-21

Prophets fear too:

Narrative analysis of Elijah's flight – 1 Ki 19, 1-21

Karina Andre Pereira Garcia Coleta\*

### Resumo

À primeira vista, parece óbvia a mensagem contida no episódio em que o profeta Elias, ao fugir para o deserto, alcança o monte Horeb. Há os que percebem na narrativa uma clara referência a uma jornada interior, empreendida pelo profeta, com vistas à renovação de seu chamado ou mesmo como um retorno às fontes da fé. No entanto, a análise das estratégias de construção da narrativa pode levar ao propósito da mensagem conforme engendrada pelo narrador. O presente artigo consiste em uma leitura de 1 Reis 19,1-21. O objetivo é questionar o texto a partir do instrumental oferecido pelo método da análise narrativa, com vistas a explicitar as estratégias escolhidas pelo narrador e seus efeitos sobre o leitor implícito, procurando não perder de vista as particularidades da narrativa bíblica. Além disso, pretende-se identificar o caminho que está proposto ao leitor atual, destacando a catequese envolvida na perícopa. O medo na vida do fiel pode conduzi-lo para fora do lugar da obediência. No entanto, a intervenção divina acena a possibilidade de correção da rota assumida por pensamentos distorcidos acerca de si, de sua missão e de Deus.

**Palavras-chave:** Profeta Elias. Narrativa bíblica. Análise narrativa.

### Abstract

At first glance, the message contained the episode in which the prophet Elijah flees to the desert and reaches the Mount Horeb seems to be obvious. There are some who face the narrative as a clear reference to an inner journey undertaken by the Prophet in order to renew his call or return to the sources of faith. However, the analysis of narrative strategies can lead to the message purpose as designed by its narrator. This article presents a reading of 1 Ki 19,1-21. It aims to question the text by using the tools offered by narrative analysis method in order to highlight chosen strategies and their impact on implied reader, considering the particularities of biblical narrative. The goal is also to identify the path or catechesis proposed to the current reader. The presence of fear in the believer's life can lead him astray from obedience place. Divine intervention, however, indicates the possibility of getting back on track believer's distorted thoughts about himself, his mission and God.

**Keywords:** Prophet Elijah. Biblical narrative. Narrative analysis.

---

Comunicação recebida em 17 de janeiro de 2013 e aprovada em 10 de março de 2013.

\* Mestranda em Teologia (FAJE). Graduação em Ciências Econômicas. País de origem: Brasil. E-mail: karinacoleta@gmail.com

## Introdução

O ato de ler traz à luz o universo narrativo construído pelo autor. Tal operação combina a captação do sentido do texto pelo leitor e sua reação à mensagem explicitada. No entanto, nem sempre a mensagem que parece saltar aos olhos corresponde aos indícios de sentido presentes no texto. Desta forma, uma apreensão equivocada do sentido não contribui para uma avaliação que faça justiça à mensagem proposta pelo narrador.

À primeira vista, parece óbvia a mensagem contida no episódio em que o profeta Elias, ao fugir para o deserto, alcança o monte Horeb (1 Reis 19). Há os que percebem na narrativa uma clara referência a uma jornada interior, empreendida pelo profeta, com vistas à renovação de seu chamado ou mesmo como um retorno às fontes da fé<sup>1</sup>. No entanto, uma análise das estratégias de construção da narrativa pode levar ao coração do projeto literário, ao propósito da mensagem conforme engendrada pelo narrador. As pistas que o narrador oferece ao longo do texto são como guias destinados a orientar a leitura, permitindo que o leitor extraia do texto aquilo que nele está e não ideias pré-concebidas que pareçam habitar as entrelinhas. Ainda que o leitor – sobretudo dos textos bíblicos que primam pela economia literária – tenha que agir como uma espécie de coautor, preenchendo as lacunas da narração, precisa ter em mente o critério da plausibilidade na construção de sentidos. É preciso levar em consideração os indicadores deixados no texto pelo narrador, além de buscar a maior aproximação possível do *ethos* que o texto tenciona passar.

O método da análise narrativa propõe uma leitura que faça atenção à maneira pela qual o narrador comunica a mensagem e ao efeito pretendido no leitor. Para a análise narrativa, o significado está presente no texto conforme

---

<sup>1</sup> Ciente da interpretação comum de que a intenção de Elias, neste episódio, acena para um retorno simbólico à vida nômade, à fé ancestral, Mikolajczak (1999, p. 22) refuta tal posicionamento mediante a análise do simbolismo do deserto presente no Antigo Testamento. Nesta mesma perspectiva, o artigo de Robinson (1991, p. 518) afirma que a interpretação amplamente aceita acerca da jornada de Elias como símbolo da vida espiritual não passa pelo critério da lógica literária. Esta discussão será esclarecida mais adiante.

construído, e só pode ser extraído por um leitor competente, isto é, que se revista do leitor implícito, capaz de reconhecer as pistas deixadas pelo narrador<sup>2</sup>.

O presente artigo consiste em uma leitura de 1 Reis 19,1-21. O objetivo é questionar o texto a partir do instrumental oferecido pela análise narrativa, com vistas a explicitar as estratégias escolhidas pelo narrador e seus efeitos sobre o leitor implícito, procurando não perder de vista as particularidades da narrativa bíblica. Além disto, pretende-se identificar o caminho que está proposto ao leitor atual, a catequese envolvida na perícopé.

## 1 A clausura do texto

O texto sob análise é uma intriga episódica presente no ciclo de Elias que, por sua vez, faz parte da chamada obra historiográfica deuteronomista (o conjunto de escritos bíblicos que vai de Josué a 2 Reis). Portanto, está inserido no arco histórico da narração que vai desde a entrada na Terra Prometida até o exílio na Babilônia. Quais as implicações da inserção da perícopé neste quadro maior? É importante ter em mente que a composição da narrativa não se efetua em um vácuo histórico e social. Sua análise não pode ser dissociada das características redacionais dos autores deuteronomistas e nem dos objetivos envolvidos em seus escritos, a saber: explicar aos exilados na Babilônia como a insistência na infidelidade a YHWH por parte da liderança – não obstante as advertências dos profetas – os conduziram ao exílio, conforme lembra Vitório (2005, p. 63). Os profetas, em última análise, representam o pensamento do narrador. O javismo do profeta Elias é o javismo dos deuteronomistas.

---

<sup>2</sup> A obra de Fish (1982, p.14) desafia o texto como produtor de significado e destaca o papel do leitor. No entanto, argumenta que aquilo que o leitor vê no texto é mediado por seus princípios interpretativos que, por sua vez, procedem de uma comunidade interpretativa. Para o autor, são as comunidades interpretativas as responsáveis pela produção de significados aceitáveis. Porém, Marguerat e Bourquin (2009, p.27) destacam que a análise narrativa não se ocupa do leitor real cuja leitura é mediada pelo conceito de Fish, embora não ignorem a problemática que surge da relação entre a coerção presente na construção da narrativa e a liberdade do leitor. Os capítulos 9 e 10 da obra dos referidos autores apresentam a discussão entre a programação da leitura e os limites da interpretação.

O ciclo de Elias está em função da catequese referente à paciência de YHWH para com a infidelidade do povo, sobretudo da monarquia, oferecendo-lhes oportunidade de conversão. A análise narrativa parte do pressuposto de que o fato é narrado a partir de uma perspectiva. Então, no caso em estudo, a perspectiva deuteronomista deve ser levada em consideração. Desta forma, o ponto de vista do narrador será permeado pela perspectiva do javismo, da não concessão ao baalismo, da liderança infiel advertida pelos profetas, e da esperança de conversão a YHWH.

Tendo situado o episódio em estudo no ciclo de Elias e na Historiografia Deuteronomista, é preciso justificar sua delimitação, ou seja, os indicadores que mostram onde a narrativa começa e onde termina.

A análise narrativa propõe quatro parâmetros que permitem a identificação dos limites do texto: tempo, lugar, personagens e tema. No entanto, a perícopé referente à fuga de Elias possui uma particularidade que pode dificultar a delimitação do início da clausura do texto. O episódio deriva dos acontecimentos situados no capítulo anterior. Desta forma, os momentos finais do episódio anterior relacionados à morte dos profetas de Baal no Carmelo desencadeiam a fúria de Jezabel descrita no início do episódio da fuga do profeta. Neste caso, ocorre o que Marguerat e Bourquin (2009, p. 68) chamam de imbricação, um processo que “ao soldar dois enredos, faz ricochetear a ação para criar surpresa para o leitor”. É provável que o efeito surpresa esteja ligado à apresentação de um Elias corajoso no capítulo 18 e depois um profeta temeroso em fuga no capítulo 19.

No que se refere aos elementos que indicam o final do episódio, é possível perceber que entre os versículos 18 e 19 há uma mudança de localização e também a introdução de um novo personagem. Elias sai da presença de YHWH no Horeb e encontra Eliseu. Não obstante tais elementos, a ação transformadora – o percurso realizado entre o início de fuga e o final de retorno – é evidenciada quando o profeta ouve a voz de YHWH (19,15-18) e cumpre as instruções dadas (19,19-21).

Assim, embora os versículos 19-21 introduzam um novo quadro – o chamado de Eliseu –, acredita-se que haja uma conexão com o episódio por mostrar o retorno efetivo de Elias em obediência à YHWH<sup>3</sup>. Pode-se dizer que, inserida na intriga episódica da fuga de Elias, existe ainda uma intriga episódica menor referente ao chamado de Eliseu.

Na seção seguinte, serão contemplados os quatro momentos articuladores da intriga: introdução, ação, clímax e desfecho. A caracterização destes estágios permitirá a identificação da lógica narrativa envolvida no episódio.

## 2 A intriga

A intriga corresponde ao projeto narrativo, é a partir dele que o narrador efetuará as escolhas subsequentes referentes à estratégia de construção do texto em função da mensagem a ser passada ao leitor implícito. De acordo com Marguerat e Bourquin (2009, p. 58) a intriga é o fio condutor que organiza os fatos descritos ao longo da narrativa de forma que o leitor possa perceber tanto a causalidade que os une quanto a cronologia na qual se desenvolvem.

É possível oferecer um panorama geral do episódio mediante a explicitação da intriga nele envolvida. O primeiro momento presente na intriga se dá com a **introdução** do problema que pode ser visualizado já nos dois primeiros versículos (19,1-2) com a ameaça que Jezabel faz chegar aos ouvidos de Elias através de um mensageiro. A informação acerca do “extermínio” dos profetas de Baal chega à rainha por via indireta, através de seu marido Acab; também o profeta de YHWH recebe de um terceiro o recado de que seria igualmente aniquilado. A problematização já coloca o leitor diante de algumas questões: qual seria a reação de Elias tendo em vista o relato anterior de sua coragem e intrepidez perante os

---

<sup>3</sup> VITÓRIO (2010, p.11) contempla a conexão dos dois momentos destacados neste trabalho: o recebimento das instruções (15-18) e a obediência efetiva (19-21). Mikolajczak (1999, p.22) e Robinson (1991, p.530) optam por encerrar a intriga no versículo 18.

baalistas? Ele enfrentaria Jezabel com a mesma coragem demonstrada no capítulo anterior? Clamaria pela intervenção de YHWH nesta situação?

Em seguida, a **ação** da narrativa apresenta os desdobramentos de tal ameaça na vida do profeta (19,3-12). Elias teme a ameaça e foge para salvar a vida. Em sua rota de fuga deixa seu servo em Bersabéia de Judá (19,3), caminha um dia pelo deserto e abriga-se ao pé de uma árvore onde pede a YHWH que lhe tire a vida (19,4). Sob a árvore adormece e ouve, por duas vezes, a voz de um mensageiro.

Desta vez não da parte de Jezabel e nem com notícias de morte, mas enviado por YHWH para, de maneira providencial, preservar a vida que o profeta desejava encerrada (19,5-7). Alimentado pelo anjo, Elias empreende nova caminhada, e embora o anjo mencione a longa jornada que o profeta teria pela frente (19,7), o leitor pode se perguntar a qual percurso o anjo se refere: retornaria Elias para enfrentar a fúria de Jezabel? Estaria a resposta no versículo seguinte (19,8) com a caminhada de 40 dias rumo ao Horeb? Ou a longa viagem teria lugar no íntimo desolado do profeta?

Chegando ao monte, Elias se recolhe em uma gruta e é questionado por YHWH acerca do lugar onde se encontra. O profeta apresenta suas justificativas, colocando em relevo seu zelo pelo Senhor, a infidelidade dos israelitas e a ameaça que ele – o único fiel que restara – havia recebido (19,9-10). Que disse YHWH diante da resposta do profeta acuado e vulnerável? Ele o instrui a sair da gruta e o narrador descreve a teofania que Elias experimentou: vento impetuoso, terremoto, fogo e, finalmente o sussurro de uma brisa suave (19,11-12). Que palavra traria YHWH a Elias após tais eventos marcantes? Qual o significado daquela sucessão de fenômenos? Como o profeta reagirá?

O **clímax** da narrativa (19,13-15) começa indicando as ações efetuadas por Elias em resposta à manifestação de YHWH: ele cobre o rosto e fica à entrada da gruta (19,13). No entanto, YHWH lhe faz a mesma pergunta de antes, parece que mesmo com todo o trajeto percorrido pelo profeta até aquele ponto, ainda

encontrava-se no lugar errado. Elias oferece a mesma justificativa e ouve de YHWH uma ordem de retorno, passando pelo deserto de Damasco para cumprir instruções específicas: primeiramente a unção de Hazael como rei de Aram (19,15). Seria o caminho de volta, afinal, a longa jornada? Em seu retorno, Elias ainda teria que enfrentar Jezabel? Por que YHWH não teria, aparentemente, dado atenção à declaração que o profeta fez acerca de ser o único sobrevivente fiel?

Finalmente, a narrativa tem o seu **desfecho** (19,16-21), em um primeiro momento dando continuidade às ordens de YHWH. Elias deveria ungir não apenas Hazael, mas também Jeú como rei de Israel e Eliseu como sucessor do profeta (19,16). A sucessão profética suscita algumas perguntas: Teria Elias sido desqualificado para a missão? Se sim, o que o desqualificara? Temer pela própria vida e reputação? Considerar-se o último dos profetas? Fugir contra a vontade de YHWH?

YHWH indica ter um plano para continuidade de seu projeto, um plano que não dependia exclusivamente de Elias. Eliseu seria seu sucessor e YHWH ainda poderia contar com sete mil israelitas fiéis (19,17- 18). Logo em seguida, o narrador apresenta o encontro entre Elias e Eliseu (19,19-21). Ao receber a indicação de que deveria seguir Elias, Eliseu não hesita em obedecer, mas antes se despede de seus pais, queima seus instrumentos de trabalho e come com seu povo.

Tendo em vista o percurso da narrativa entre a situação inicial e a final, pode-se destacar a ação transformadora. A narrativa começa com uma fuga e termina com o retorno. O profeta Elias foge diante da palavra de morte de Jezabel e volta mediante a palavra de vida de YHWH. A narrativa vai do medo à coragem renovada. O profeta que não hesita em desobedecer, saindo do seu local de ação – que se tornara incômodo – pode ser contrastado com seu sucessor que não hesita em obedecer, saindo de seu lugar de conforto. A sensação de derrota e aniquilação do “único” profeta javista é superada pela declaração dos planos de YHWH e a manutenção de seus fiéis. Quem guarda os fiéis é o próprio YHWH e não iniciativas de autoproteção como a do profeta Elias.

### 3 Os personagens e a focalização

Uma das estratégias da análise narrativa de textos bíblicos é a identificação dos personagens a partir das ações e palavras a eles atribuídas pelo narrador. Desta forma, os diálogos desempenham uma função privilegiada nos textos bíblicos, pois permitem não apenas a identificação dos personagens como também da ideologia do narrador. Em geral, o narrador restringe suas intervenções fora do espaço dialógico, mas nada o impede de fazê-las em alguns momentos caso julgue importante para seu projeto literário.

O foco escolhido pelo autor para descrever os eventos presentes na narrativa também oferece pistas acerca dos personagens. A focalização externa e a interna permitem a visualização do que se passa na cena, a primeira faz com que o leitor se aproxime a ponto de ouvir o conteúdo dos diálogos. Por outro lado, a focalização interna oferece acesso às reações mais íntimas dos personagens, expondo-lhes os desejos, intenções, sentimentos, trazendo à luz os pensamentos ocultos. A focalização zero, por sua vez, permite uma visão mais ampla da cena.

Não obstante a já mencionada economia narrativa da Bíblia, ou seja, o laconismo característico de seus relatos, Alter (2007, p. 174) destaca a engenhosidade da caracterização dos personagens, refletindo o caráter ambíguo e a liberdade do homem diante dos desígnios de Deus, o autor questiona:

Como a Bíblia consegue evocar personagens de tamanha profundidade e complexidade valendo-se de meios aparentemente tão parcos e mesmo rudimentares? Afinal a narrativa bíblica não contém análises minuciosas de causas ou razões, nem entra em detalhes a respeito de processos psicológicos; somente nos concede indicações mínimas acerca de sentimentos, atitudes e intenções, e oferece-nos pouquíssimas informações sobre o aspecto físico, a gesticulação e os trejeitos, a roupa e os instrumentos usados pelos personagens, o ambiente físico em que eles cumprem seus destinos.

O episódio de 1 Rs 19 corrobora a observação do referido autor sobre a complexidade dos personagens bíblicos, sobretudo no que diz respeito à figura do profeta Elias que, até então fora apresentado como homem destemido, fiel à palavra de YHWH, mas agora foge em busca de proteção. A condução do desígnio divino se vê entrelaçada à liberdade e às contradições do profeta.

Quais são e como foram delineados pelo narrador os personagens envolvidos no episódio da fuga de Elias? No primeiro versículo entram em cena Acab e Jezabel. O rei tem a ação descrita pelo narrador. Acab dá à esposa a notícia de como Elias havia exposto a fragilidade de Baal diante de YHWH, e em seguida, exterminado seus profetas. O capítulo 19 do Primeiro Livro dos Reis não oferece informações adicionais acerca de Acab e Jezabel, no entanto, os episódios anteriores já se encarregaram de munir o leitor dos dados necessários para identificação da covardia do infiel Acab e sua submissão à esposa Jezabel, baalista militante e impiedosa.

De posse da informação sobre a aniquilação dos profetas de Baal, Jezabel manda a Elias um mensageiro para lhe transmitir a ameaça de morte. A focalização externa no segundo versículo torna possível ao leitor a audição das palavras de Jezabel. O conteúdo da ameaça de morte permite que Elias tenha tempo para fugir, pois a execução não seria imediata, mas no dia e horários marcados: “amanhã a esta hora” (19,2). Além disso, juntamente com a sentença de morte, ela invoca sobre si mesmo um castigo caso não cumpra a ameaça: “os deuses me cumulem de castigos”. Em um primeiro momento, a invocação pode ter conferido à ameaça um peso maior aos ouvidos do profeta, entretanto, parece antecipar algo que virá sobre ela mesma quando de seu trágico fim.

A fala de Jezabel reforça seu zelo pelo baalismo, pois assim como Elias não havia deixado nenhum profeta escapar (18,40), a rainha também não deixaria que o profeta de YHWH sobrevivesse. O mensageiro, portador das palavras vingativas proferidas por Jezabel, representa um personagem secundário e surge como contraponto a outro mensageiro que Elias encontrará em sonho mais adiante no

deserto: o anjo do Senhor. O enviado de Jezabel anuncia uma mensagem de morte, o enviado de YHWH oferece provisão para a vida.

No segundo versículo o leitor deve construir a imagem da comunicação da ameaça ao mensageiro e sua chegada ao profeta. O narrador não se detém nestes detalhes, mas faz saber que Elias recebeu a mensagem.

É possível observar que, inserida na focalização zero presente em 19,3, existe ainda uma focalização interna através da qual o narrador faz com que o leitor conheça a reação de Elias diante da ameaça. “Elias ficou com medo” e este sentimento o coloca em fuga para “salvar sua vida”.

O profeta Elias é um dos personagens principais do episódio e o narrador apresenta novas facetas a respeito dele que o leitor não conhecia até então. Em nível macro, considerando os episódios anteriores que destacam a figura do profeta, Elias é construído nos moldes da mentalidade deuteronomista: um javista fiel e zeloso, que não teme o desempenho de sua função profética, confia em YHWH mesmo quando as circunstâncias não favorecem a fé (17,13-14); tem coragem de denunciar a injustiça e a infidelidade da monarquia, aparentemente não teme nem pela própria vida contanto que execute a obra que YHWH lhe confiou. No entanto, o episódio de sua fuga para o Horeb traz à tona algumas questões: por que o bravo Elias, que acabara de confrontar e exterminar os profetas de Baal no Carmelo, teme a ameaça de Jezabel? Por que deixa seu servo em Bersabéia antes de continuar a fuga? Por que pede a morte a YHWH? Por que, mesmo fortalecido pela provisão do anjo do Senhor, continua em fuga até o Horeb? Que pistas adicionais são oferecidas ao leitor acerca do profeta através de sua justificativa para a fuga? Como o narrador constrói a figura de Elias neste episódio em função de sua catequese?

Neste episódio a relação de Elias com YHWH, sobretudo no trecho referente à ação da narrativa (19,3-12), não é marcada pela obediência, fidelidade e confiança características de episódios anteriores. No entanto, como na tradição bíblica

sempre existe a possibilidade de conversão, o episódio não se encerra com um Elias fugitivo e temeroso. Além disto, como dito anteriormente, os personagens bíblicos carregam consigo, de forma geral, traços de ambiguidade, característica que fica evidente nos altos e baixos pelos quais transita o profeta Elias no episódio de sua fuga.

Para acompanhar a construção do personagem Elias neste episódio é preciso destacar a trajetória seguida pelo narrador. Os outros personagens também serão tratados à medida que surgirem no percurso de Elias.

Primeiramente, Elias abre espaço ao medo (19,3), não se percebe uma atitude confiante na proteção e nos planos de YHWH, uma olhada na realidade do risco de vida o coloca em fuga. O profeta parece sucumbir diante da sensação de que tudo está acabado e não há motivos para esperança. Elias que antes não indicava temer os monarcas (18,1-2), agora se apressa para sair do raio de alcance da rainha. O leitor se depara com um profeta que sai de sua zona de atuação – o Norte – e parte em direção ao Sul, em busca de segurança. Tal deslocamento sugere ao leitor que o lugar da obediência não é necessariamente marcado pela segurança, conforto e facilidade. Segundo Robinson (1991, p. 513) o profeta segue direção oposta à vontade de Deus assim como fez o profeta Jonas.

O narrador informa que, em sua rota de fuga, Elias deixa seu servo em Bersabéia, o que isto pode significar na construção do personagem? Robinson (1991, p. 517) argumenta que, entre as possíveis explicações, Elias não queria ter uma testemunha de suas ações, mas sugere que o profeta não se considerava mais como tal, a ameaça havia abalado sua autoimagem<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> COGAN (2001, p. 450) sugere que à semelhança do ocorrido com Abraão no episódio do sacrifício de Isaque, o servo fora deixado por se tratar de um assunto privado entre seu senhor e Deus.

Em seguida, o profeta caminha um dia pelo deserto e, sob uma árvore<sup>5</sup>, ora a YHWH pedindo a morte (19,4). O leitor ouve a oração de Elias e se depara com um profeta temeroso e frustrado. Elias já tinha sobre si um decreto de morte, foge para continuar vivo ou para não morrer pelas mãos de Jezabel e sim de YHWH? Talvez o fato do profeta de YHWH ser morto pela rainha soasse como vitória do baalismo. Por que Elias não quer mais viver? É possível que o profeta se sinta fracassado em sua missão, não esperava que o baalismo ainda efetuasse um contragolpe tão vigoroso depois do acontecido no Carmelo. “Não sou melhor que meus pais” (19,4), é assim que Elias justifica o pedido de morte, e esta fala oferece indícios de expectativas frustradas, sugere que Elias se considerava acima da média, mas as circunstâncias em que se encontra agora mostram que não fora melhor que seus antecessores.

O abatimento de Elias é visível, ele adormece sob a árvore, “o sono de Elias é o sono da morte, a qual ele espera, colocando-se na posição de morte, de forma a antecipar o desfecho desejado” (VITÓRIO, 2010, p. 4). Elias só reage diante da instrução do anjo, o mensageiro de YHWH que entra em cena. A focalização neste trecho oferece ao leitor a possibilidade de ouvir o que o anjo diz ao profeta adormecido (19,5). A ação do anjo sugere que, ao contrário da morte pela qual o profeta anela, YHWH ainda lhe propõe vida. Elias recebe alimento, por duas vezes. Na segunda vez, o anjo explica a necessidade do alimento em função da longa jornada que aguardava o profeta. A fala e as ações deste personagem, o enviado de YHWH, sugerem ao leitor que, enquanto Elias adere aos pensamentos de morte, YHWH o quer vivo. Portanto, o mensageiro de YHWH oferece um contraponto ao mensageiro de Jezabel, ele entra em cena em função da vida. “Ele que pensara estar solitário no deserto e, aí, poder morrer em paz, na verdade, estava sob o olhar

---

<sup>5</sup> A tradução da CNBB identifica a árvore como “junípero” e a tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada apresenta o sinônimo “zimbros”. A maior parte dos autores consultados não se deteve sobre o significado desta árvore. COGAN (2001, p. 450) informa que tal espécie era comumente usada por nômades como combustível (Salmo 120,4) e podia servir de alimento em tempos de necessidade (Jó 30,4). ROBINSON (1991, p. 516) observou a semelhança do fato de Elias ter se deitado sob a árvore no deserto com o relato da fuga de Agar e Ismael em Gênesis 21,14-19, onde também houve a provisão de Deus em um contexto de morte iminente.

atento de quem lhe pusera na mão uma bandeira: lutar pela fé! E Deus contrariava a opção do profeta pela morte” (VITÓRIO, 2010, p. 5).

Fortalecido pelo alimento, Elias segue seu caminho, mas ao contrário do que poderia esperar o leitor, ele não retorna, não desiste de sua fuga, direciona-se para ainda mais longe. Elias caminha quarenta dias e noites até chegar ao monte de Deus, Horeb (19.8). À primeira vista, o anjo parece ter falado desta caminhada até o Horeb, Elias parece ter ido ao lugar certo para buscar a presença de YHWH. No entanto, alguns elementos na narração acenam para exatamente o oposto: apesar do fortalecimento, Elias ainda não havia recobrado a disposição nem renovado o interesse em obedecer, ele se recolheu em uma gruta (19,9a). Além disso, a pergunta de YHWH indica que o profeta não está no lugar certo: “Que fazes aqui, Elias?” (19,9b), certamente a caverna não é lugar para o profeta, talvez ao sair dela e se colocar no monte, Elias finalmente se alinhe com a vontade de YHWH.

A resposta de Elias (19,10) é um elemento revelador na caracterização de seu personagem. Primeiro ele ressalta seu empenho e dedicação a YHWH, depois desvia o foco de si, de sua fuga, de sua falta de confiança e obediência e contrasta seu zelo extremado com a infidelidade dos israelitas. Finalmente, informa, caso YHWH ainda não o saiba, que ele é o último dos profetas e sua existência está ameaçada. Que informações tal resposta fornece ao leitor acerca do personagem Elias construído nessa intriga episódica? A justificativa de Elias acena com um traço evasivo, o profeta não explicita a fuga pela autopreservação e o orgulho ferido, nem o fato de ter seguido uma direção não intencionada por YHWH, mostra o exagero de se considerar o único fiel remanescente. Tanto ele quanto o leitor já dispunham da informação de que Abdias protegera 100 profetas de YHWH (18,4-13). O leitor pode perceber que o profeta não faz uma leitura objetiva da realidade.

Na sequência, YHWH ordena que ele saia da caverna e se coloque em sua presença<sup>6</sup>. Uma teofania é experimentada pelo profeta que hesita em sair do

---

<sup>6</sup> Assim como conduziu o desolado Abrão para fora de sua tenda, do lugar que limitava sua visão, para contemplar que os planos de Deus são bem mais amplos do que aquilo que as circunstâncias apresentam (Gênesis 15,5).

recolhimento. Alter (2007, p. 99) descreve o papel das cenas-padrão na narrativa bíblica, auxiliando na caracterização dos personagens e a teofania é uma delas. No caso de Elias, a teofania descrita pelo narrador pode ser uma expressão do desejo e da concepção do profeta quanto à manifestação de YHWH: poder impetuoso e aniquilador. É possível perceber que as expectativas de Elias quanto a si e quanto a YHWH não eram respaldadas pela realidade.

Ao ouvir a suave murmúrio, Elias finalmente sai de seu lugar, mas antes cobre o rosto<sup>7</sup>. Talvez, a esta altura da narrativa, haja um alto nível de expectativa, por parte do leitor e também de Elias, acerca do pronunciamento de YHWH após a teofania. Contudo, o profeta ouve a mesma pergunta: “Que fazes aqui, Elias?” (19,13). A repetição da pergunta indica que Elias continuava fora de seu lugar, permanecendo desalinhado com a vontade de YHWH, o que parece sugerir que a longa viagem da qual o anjo falou não tinha a ver com a ida ao Horeb, mas com o retorno para o lugar de onde o profeta não deveria ter saído.

Diante da repetição da pergunta, Elias também repete a resposta (19,14). Parece que o narrador contradiz Elias, pois a insistência do profeta em sua justificativa perante YHWH não corresponde ao que leitor percebe em suas ações. Sua resposta não toca o âmago de seus verdadeiros motivos. É uma resposta “politicamente correta” que desvia o foco de si, de seu rasgo de infidelidade – onde fugindo ainda se declara fiel – de seu deslocamento para o foco na infidelidade israelita e mudança de antagonista (de Jezabel para os israelitas infiéis). Diante da insistência na resposta evasiva, o leitor pode levantar questões acerca dos motivos que levaram Elias a não declarar o que realmente estava por trás de sua fuga.

YHWH tinha planos traçados para a continuidade de seu projeto e os comunica a Elias, instruindo-o, em primeiro lugar, a voltar. Em seguida, dois novos monarcas deveriam ser ungidos pelo profeta. E finalmente, Elias deveria ungir Eliseu como seu sucessor na função profética (19,15-16). As indicações de YHWH

---

<sup>7</sup> À semelhança do ocorrido com Moisés (Êxodo 33,18-34,9)

mostravam a busca de mediações para o prosseguimento de sua obra (19,17). Além de já possuir a informação dos profetas escondidos por Abdias, como mencionado anteriormente, YHWH declara que ainda preservaria sete mil fiéis (19,18). Portanto, Elias não era a figura decisiva e poderosa que talvez acreditasse ser, tampouco deveria continuar a se iludir, considerando-se o último fiel que, se exterminado, colocaria fim à fé javista.

Finalmente, pela longa via do retorno ao local da vontade de YHWH, Elias encontra Eliseu e este o segue como auxiliar (19,19-21). Nos momentos finais, o narrador oferece uma ampla visualização do encontro de Elias com o personagem Eliseu (19,19), em seguida permite ao leitor o acesso ao diálogo entre os dois (19,20). A entrada de Eliseu em cena, com suas palavras e ações descritas, sugere um contraste entre a obediência e a desobediência. Elias havia fugido de seu local de ação, lugar de conflito e desconforto, sobretudo após a ameaça de morte, mas mesmo assim, aquele era o lugar da obediência à vontade de YHWH. Eliseu, por sua vez, sai de seu lugar de conforto, próximo à sua família e ao seu trabalho e vai em direção ao lugar do confronto, exatamente onde o profeta deve estar. Elias fugiu ao querer se preservar, abateu-se com o que considerava ser um golpe em sua reputação. Eliseu, caso pensasse em sua preservação, era melhor ter ficado onde estava, mas despede-se dos pais, queima os instrumentos de trabalho, cozinha a carne de seus bois e se alimenta com sua gente. A focalização zero escolhida pelo narrador no final do episódio deixa o leitor visualizar que Eliseu não só obedece, mas também parece romper com a possibilidade de retorno à segurança de sua vida rotineira (19,21).

Contemplando a trajetória de Elias como um todo, percebe-se que, em um primeiro momento, o narrador deixa o leitor saber que Elias foge por medo, para salvar a vida, mas mesmo depois das intervenções de YHWH, por que insiste? É a partir daí que são percebidas as outras questões de fundo evidenciadas pela atitude depressiva de recolhimento e a resposta evasiva e exagerada. Situações como esta podem ilustrar o que Alter (2007, p. 74) chama de “engenhoso processo pelo qual a

narrativa bíblica apresenta ou suprime motivos da ação a fim de provocar inferências morais e sugerir ambiguidades”.

A análise dos personagens não estará completa sem contemplar a figura de YHWH que, mesmo quando não aparece em cena, está sempre presente nas narrativas bíblicas. Certamente YHWH não entrou em cena apenas no meio da intriga, uma vez que a ameaça de Jezabel a Elias não lhe foi oculta. Em primeiro lugar YHWH trata de comunicar vida ao profeta sentenciado à morte. Envia provisão e cuidado a Elias no momento em que ele se encontra frágil e vulnerável sob a árvore no deserto, pronto para morrer (19,5-7). O profeta quer dormir o sono da morte e o mensageiro de YHWH diz: “Levanta-te”, é possível que Elias quisesse definhar até a morte, mas o anjo diz: “Come!”. Elias quer fugir e YHWH quer que ele retorne.

YHWH mostra ao seu profeta que ele não se encontra no lugar certo, a pergunta sobre sua localização, indica preocupação com este desalinhamento do profeta. YHWH sabe o que ele estava fazendo ali<sup>8</sup>, mas insiste em oferecer a Elias a oportunidade de encarar a realidade e perceber suas contradições (19,9-13). YHWH o convida a sair da caverna, do lugar limitante, e contemplar a realidade mais ampla e preciosa com a qual Elias podia contar: sua presença (19,11). Além disso, procura fazer com que Elias rompa com sua visão da manifestação divina (19,12), “Deus não se enquadrrou dentro do esquema dos critérios da Tradição e se revelou com liberdade!” (MESTERS, 1984, p. 145).

No entanto, por que YHWH não responde a Elias com palavras que comunicassem proteção e encorajamento que pudessem dissipar seu medo, assim como fez diante da hesitação de outros como Moisés (Gênesis 4,10-12) e Jeremias (Jeremias 1,6-8)? Em sua resposta evasiva, Elias não expõe o cerne de suas preocupações; por outro lado, YHWH também não trata desses motivos, nem se dirige especificamente à ameaça que Elias sofreu. YHWH chama o profeta à

---

<sup>8</sup> Da mesma forma que sabia onde estava Adão em Gênesis 3,9, mas mesmo assim perguntou: “Onde estás?”.

realidade. Primeiro, ele deve obedecer e voltar, em segundo lugar assumir suas funções dentro do projeto de YHWH, sabendo que não é o único. A obra de YHWH não depende da força de Elias, a luta contra a injustiça tolerada pelo baalismo não contava apenas com um único profeta. “Não era Elias que defendia Deus, mas era Deus a defender o pobre profeta Elias” (MESTERS, 1984, p. 146).

Por fim, Elias, que já havia entregado seu cargo de profeta, que já não contava com a ajuda do seu servo – deixado em Bersabéia – agora retorna com um auxiliar que lhe será sucessor. O narrador conduz o leitor ao final da narrativa mostrando a superioridade dos planos de YHWH em contraste com os de Baal e também com os de seus fiéis.

#### **4 A temporalidade**

A ação dos personagens ao longo da intriga preenche todo o tempo da narração, não há vazios por falta de informação, o narrador registra tudo o que é necessário ao projeto catequético que tem em mente. No entanto, fazer os registros necessários não significa estender o texto indiscriminadamente com todos os detalhes, algumas vezes o leitor precisa preencher as lacunas do que não foi narrado, seguindo as balizas do texto.

Na análise narrativa, faz-se distinção entre o tempo da história narrada e o tempo da narração. Em 1 Rs 19 o tempo da história narrada pode ser explicitado através de elementos que situam o leitor no tempo e espaço. O primeiro versículo já remete o leitor à conexão com os acontecimentos do capítulo precedente. Desta forma, o leitor é informado de que o episódio se passa no reinado de Acab, no reino do Norte, em Israel, logo após o confronto de Elias com os profetas de Baal no Carmelo.

Quanto ao tempo da narração que, ao contrário do anterior não se mede em termos de dias, semanas e horas, o narrador se vale da quantidade de palavras,

páginas ou parágrafos para mostrar ao leitor quais pontos devem ser observados com maior atenção. Ao contemplar a narrativa de 1 Rs 19,1-21 como um todo, o leitor pode notar que a questão mais importante gira em torno da fuga de Elias. O narrador serve-se apenas dos dois primeiros versículos para apresentar a ameaça que levou à fuga do profeta, sendo os três últimos destinados a relatar o retorno e seus desdobramentos. O foco do narrador demora-se nos eventos que se encontram entre a ameaça e o retorno; são necessários quinze versículos para que o leitor tenha uma visão completa dos desdobramentos da fuga. É interessante observar que, no centro da intriga, onde o foco do narrador se detém por mais tempo, enquanto Elias volta no passado para justificar sua fuga, YHWH dá instruções acerca do futuro, justificando seu retorno.

O narrador apressa alguns acontecimentos durante o episódio por meio de elipses, deixando ao leitor a tarefa de imaginar os acontecimentos omitidos – sempre partindo do critério da plausibilidade – e parte logo para o ponto que considera mais importante que os detalhes não registrados. O encontro do mensageiro de Jezabel com Elias para a transmissão da ameaça não é descrito, mas o leitor ouve as palavras proferidas pela rainha (19,2). Outra elipse encontrada na narrativa situa-se entre os versículos 8 e 9, uma vez que se passaram 40 dias entre um e outro. E finalmente, o leitor também se depara com uma elipse logo após as instruções que YHWH dá a Elias no monte Horeb, o retorno do profeta não é descrito e o narrador logo passa a descrever o encontro dele com Eliseu (19,19). Este aumento da velocidade da narrativa também serve aos propósitos da economia narrativa, se algum fato importante tivesse acontecido nesses percursos, o narrador teria contado e não omitido.

## 5 O contexto

Outra preocupação do narrador na construção de seu texto é o enquadramento da narrativa em um ou vários contextos. A inserção da narrativa

em uma moldura é importante para a compreensão e interpretação da mensagem. O contexto pode ser factual quando indicado por elementos objetivos, nomeação de lugares ou indicações ligadas a aspectos culturais, sociais, políticos, religiosos ou econômicos. No entanto, o narrador também pode optar por um contexto metafórico, ou empregar ambos simultaneamente.

No episódio da fuga de Elias, inicialmente o leitor se defronta com o contexto do poderio religioso, o conflito entre os devotos de Baal – na figura de Jezabel – e o profeta de YHWH. Em seguida há o contexto desértico que aponta para fuga e morte, um contexto de desolação e falta de esperança. O narrador nomeia locais específicos: Bersabéia de Judá, o monte Horeb e o deserto de Damasco. Ao analisar o simbolismo do deserto no Antigo Testamento Mikolajczak (1999, p. 7) esclarece que o ideal do deserto foi proposto apenas por alguns grupos como os Recabitas; a atividade profética não sugeria um retorno ao estilo de vida do passado. Segundo o autor, o deserto não é o lugar da habitação e nem do encontro com Deus por excelência. Ao tornar-se um homem procurado, um fora da lei face aos olhos da rainha, o profeta Elias parece não ter outra escolha senão correr para o lugar de refúgio dos fugitivos. Embora o monte Horeb – entendido tanto como factual quanto metafórico – seja o lugar da presença de Deus, Elias não parece ir necessariamente ao encontro dele. Em um primeiro momento prevalece o contexto de fuga e morte, pois o profeta, chegando ao monte de Deus, recolhe-se em uma gruta, “a caverna simboliza o túmulo: lugar fechado e sem claridade; na escuridão, a vida não pode se desenvolver. A indicação temporal – noite – aponta, também, para o estado de espírito do profeta” (VITÓRIO, 2010, p. 7).

É preciso destacar também o contexto de morte que pode ser identificado a partir do emprego do que Alter chama de *Leitwort*<sup>9</sup>, isto é, a repetição de caráter verbal que explicita a temática envolvida na narrativa. No caso de 1 Rs 19, o narrador enfatiza o tema da morte empregando inúmeras vezes palavras e

---

<sup>9</sup> “O recurso de repetição mais saliente é o uso da *Leitwort*, da palavra-chave temática, a fim de enunciar e desenvolver os significados morais, históricos, psicológicos e teológicos da história” (ALTER, 2007, p. 265)

expressões correspondentes. Elias tinha passado ao fio da espada os profetas de Baal, Jezabel ameaça fazer o mesmo com o profeta de YHWH. Elias foge para não morrer, salvar sua vida, depois pede que seja YHWH a lhe tirar a vida. O profeta deita-se à espera da morte e, mesmo com a primeira provisão do mensageiro de Jave, volta a adormecer. Em seguida, recolhe-se em uma caverna e passa a noite. Quando interpelado por YHWH, relata a matança dos profetas e a sentença de morte que traz sobre si. A fala de YHWH também traz indícios de morte, mas não para os fiéis, e sim para os inimigos. YHWH reverte o contexto de morte para o terreno de Baal.

## 6 O ponto de vista

A narrativa não é construída sem refletir opções ideológicas. O narrador deixa rastros de seu ponto de vista ao longo do texto e isto pode ser feito de duas maneiras: através de comentários explícitos fora da narração (intervenção extradiegética) ou de comentários implícitos, colocados na fala dos personagens (intervenção intradiegética). A última forma é a mais empregada na narrativa bíblica. O tempo de narração também pode oferecer pistas para identificação do ponto de vista do narrador, ele pode concentrar o foco naquilo que considere mais importante.

Conforme dito anteriormente, a tradição acerca de Elias é articulada a partir dos valores da historiografia deuteronomista (VITÓRIO, 2005, p. 79). A intriga episódica em estudo não se encontra isenta dos traços redacionais deuteronomistas que reflitam o ponto de vista do narrador.

Em primeiro lugar, tendo em vista que, para o deuteronomista, a fé javista deveria ser defendida e preservada, destaca-se a tensão entre YHWH e Baal presente na intriga. Embora o baalismo parecesse aniquilado no capítulo 18, Elias é tomado pelo contra-ataque da implacável Jezabel. No entanto, o narrador deixa

claro que mesmo a aparente força da ameaça de morte feita pela baalista não seria capaz de exterminar a fé javista, não era páreo para o poder de YHWH. O projeto de vida de YHWH prevaleceu sobre a morte declarada por Baal. Não seria Baal a dizer quem deveria morrer; pelo contrário, YHWH não faria concessões aos infiéis obstinados.

Entretanto, sabendo que os deuteronomistas apresentavam a figura profética como consciência crítica da monarquia infiel e descreviam o profeta como destemido defensor da fé javista, no episódio o narrador expõe um profetismo que se deixou intimidar em função da segurança individual. Na busca pela segurança o leitor pode perceber que a trajetória de Elias indica um êxodo às avessas, não em busca de uma experiência mística e nem das fontes da fé, mas fugindo de Deus. Embora, mediante a experiência no Horeb, YHWH traga Elias de volta à realidade objetiva e à sua missão profética, esta não constituiu a busca inicial do profeta. Ao fugir em direção ao Horeb, Elias está voltando a etapas que já foram superadas, não é possível mais se reportar à segurança do passado.

O narrador mostra a fragilidade da instituição profética. Não é o poder do profeta que faz o projeto javista avançar. Por mais que a fala e as ações de Elias indiquem um profetismo acuado, desesperado e desobediente, a fala e as ações de YHWH – e de seu mensageiro – apontam para a esperança e a vida. O narrador deuteronomista é guiado pela esperança, deixa a porta aberta para o retorno à fidelidade, para a confiança nos planos de YHWH, pois é a ele que pertence o poder. O leitor se dá conta que YHWH não está indiferente ou impotente como o discurso de Elias parece sugerir.

O deuteronomista emprega um tipo de linguagem totalizante, globalizante, que pode ser reconhecida na fala que o narrador atribui a Elias: “Mataram à espada teus profetas. Só eu escapei; mas agora querem matar-me também” (19,10). O narrador mostra um profeta exagerado. Elias justifica o rasgo de infidelidade com seu excesso de zelo, com a difícil realidade de que, pelo menos em sua cabeça, ele era o último dos profetas, o último dos fiéis que, caso morresse, colocaria fim na

obra de YHWH. Não só a imagem que o profeta tem de si mesmo é mostrada como equivocada, mas também a imagem que ele tem do próprio YHWH. O lamento de Elias parece acenar para o fato de YHWH não ter feito sua parte, embora o zelo do profeta tenha feito a dele. Além disto, a teofania, conforme descrita pelo narrador, indica ao leitor que a manifestação de YHWH não vai acontecer do jeito impetuoso que o profeta deseja.

No entanto, como o deuteronomista nutre grande esperança de retorno à fidelidade, o narrador não deixa que a ameaça de morte e nem a desolação do profeta tenham a palavra final. O tema da esperança está presente na tradição bíblica, YHWH não sucumbe ao desespero das circunstâncias, sempre há espaço para a conversão e a superação. A palavra de YHWH apresenta um plano claro para a continuidade de sua obra, mesmo que Elias já contemplasse o fim. Mas o fim da vida do profeta não poderia significar o fim do projeto de YHWH. E as mediações que YHWH vai empregar daquele momento em diante se encontravam exatamente no lugar de onde Elias saiu para se preservar, cabia ao profeta ouvir e obedecer, pois o profeta só deve sair de seu lugar por obediência e não de acordo com sua própria vontade.

## **Conclusão**

A engenhosidade envolvida na construção da narrativa bíblica serve à mensagem a ser passada ao leitor. Alter (2007, p.38) acredita existir “uma fusão completa de uma arte literária com um modo teológico, moral ou histórico-filosófico de ver o mundo, sendo que a plena percepção do segundo depende do pleno entendimento da primeira”. Portanto, as escolhas quanto aos elementos constitutivos da narrativa, as estratégias que oferecem ao leitor pistas e norteamento na produção de sentido, estão a serviço da mensagem e do efeito a ser suscitado no leitor.

Para apreender o sentido, deve-se vestir a roupagem do leitor implícito. Que características poderiam identificar o leitor implícito da historiografia deuteronomista? Primeiramente, é preciso ter em mente que se trata de um exilado da Babilônia, experimentando crise de fé, mas em busca de uma saída. Talvez, em meio ao contexto de fragmentação, estivesse lutando para manter viva a confiança no poder de YHWH. Provavelmente ele seria capaz de reconhecer a concepção de fé do grupo deuteronomista e encarar os fatos descritos no passado como chave de interpretação para a situação presente e também para o futuro.

Já que a fuga do profeta consiste na ação da narrativa, naquela parte sobre a qual recai a atenção e o foco do narrador, que mensagem poderia ser extraída deste episódio para o leitor implícito? Que encorajamento há na descrição da fuga de um profeta desolado e com a imagem desmantelada pela ameaça de uma seguidora de Baal? O percurso da narrativa coloca em evidência, pelo menos, três lições: a primeira delas é que mesmo o profeta mais destemido e fiel também é frágil, pode ter a falsa impressão de ter poderes ilimitados, a ponto de se imaginar indispensável, esquecendo-se que as realizações são efetuadas pelo poder de YHWH.

Em segundo lugar, a tentativa de autopreservação, seja da vida, seja da imagem, acaba levando o fiel ao lugar errado. Os olhos postos em si e nas circunstâncias, em vez de fitos em YHWH, podem afastar o profeta do lugar da obediência, do lugar da luta contra a injustiça. E finalmente, ainda que, aparentemente, Baal pareça ter vencido, a palavra final está com YHWH, só ele pode reverter situações consideradas perdidas, ele pode transformar uma situação de morte em uma declaração de vida, pode converter o medo em esperança, a fuga em retorno, o desânimo em ousadia, o rasgo de infidelidade em fidelidade renovada.

Ao revestir-se do leitor implícito, o leitor atual também pode apreender a mensagem proposta. Marguerat e Bourquin (2009, p.172) acreditam que “o distanciamento (histórico, cultural) dos textos bíblicos, se é uma desvantagem para

atualização imediata, funciona, na verdade, como condição de possibilidade de uma autêntica busca de significação”.

Que caminho está proposto ao cristão atual? A crise de fé também pode lhe atravessar o caminho, assim como a tentação de fugir da obediência com vistas à autopreservação. A ambiguidade do profeta Elias ressalta a fragilidade à qual mesmo os considerados mais fiéis estão sujeitos. Mas a boa nova é que a história não acaba no medo, na fuga, na vontade de morrer, na frustração, nos pensamentos equivocados. A intervenção de Deus é transformadora, oferece esperança e oportunidade de retorno, mostra quem de fato detém o poder e o controle. O cristão não precisa se entregar ao desespero, tampouco fugir. A fuga e o recolhimento limitam a visão dos planos de Deus. A fuga para salvar a própria vida acaba em desolamento maior. A jornada de Elias só assume outro significado – para além da insistência na morte – pela iniciativa de YHWH que lhe comunica vida e retorno à missão. Assim também o cristão pode ter sua caminhada resignificada pela intervenção amorosa e encorajadora de Deus.

“O texto fala quando oferece ao leitor imagens possíveis dele mesmo” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 176). Portanto, o leitor pode encontrar no mundo da narrativa possibilidades de ação em seu próprio mundo; a ambiguidade de Elias na narrativa pode levar o cristão atual a se reconhecer. A reflexão sobre a complexidade das motivações que o puseram em fuga, seu caráter multifacetado e contraditório, ressalta o fato de que Deus escolheu se envolver com o ser humano assim mesmo, propondo-lhe sentido, superação e esperança. A resposta para o temor, seja pela própria vida, seja em função da preservação da imagem, encontra-se na fé em Deus, que é capaz de ampliar a visão, trazer objetividade aos pensamentos distorcidos, e propósitos claros para aquele que acha ter chegado ao fim.

## REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2008.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo de Genebra**. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

COGAN, Mordechai. **I Kings: a new translation with introduction and commentary**. New York: Doubleday, 2001. (The Anchor Bible v.10)

FISH, Stanley. **Is there a text in this class? The authority of interpretive communities**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa**. São Paulo: Loyola, 2009.

MESTERS, Carlos. Restabelecer a justiça de Deus no meio do povo: vida e luta do profeta Elias. **Estudos Teológicos**, n. 24, p. 129-147, 1984.

MIKOLAJCZAK, Mieczyslaw. Il viaggio di Elia nel deserto (1 Re 19,1-18). **Collectanea Theologica**, n. 69, p. 5-23, 1999.

ROBINSON, Bernard P. Elijah at Horeb, 1 Kings 19:1-18: a coherent narrative?. **Revue Biblique**, n. 98, p. 513-536, 1991

VITÓRIO, Jaldemir. O Livro dos Reis: redação e teologia. **Estudos Bíblicos**, n. 88, p. 63-83, 2005.

VITÓRIO, Jaldemir. O lugar do profeta: a fuga não é solução: uma leitura de 1Rs 19,1-21 – Elias no Horeb. **Estudos Bíblicos**, n. 107, p. 35-49, 2010.